

PAPEL DO VIAJANTE NA UTOPIA, DE THOMAS MORE

Olga Maria Castrillon-Mendes¹



Resumo: Este artigo discute o papel do viajante Hitlodeu na obra *Utopia* (1516), de Thomas More, observando os elementos que compõem o conjunto harmônico da obra. Como caracterizadora do gênero utópico, é portadora de um projeto humanista de transformação social baseado em critérios racionais que poderiam resultar em melhorias de vida comum dos povos do Ocidente.

Palavras-chave: utopia; viajante; sociedade ideal; Thomas More; gênero literário.

Abstract: This article discusses the role of the traveler Hitlodeu in *Utopia* (1516) by Thomas More, noting the elements which make up the whole harmony of the narrative. As a defining work of the utopian genre is the bearer of a humanist project of social transformation based on rational criteria that could result in improvement of people's life in the West.

Keywords: utopy; traveler; ideal society; Thomas More; literary genre.

A viagem tem surgido como o espaço ideal para a ficção e a utopia. Propicia o distanciamento do olhar, abre espaço para a criação literária e tem o poder de alterar o significado do tempo e da história. Os descobrimentos no Novo Mundo, por exemplo, redesenharam a cartografia universal pela incorporação de uma novidade no universo do conhecimento. O viajante é o indivíduo *de fora* que observa, analisa, pesquisa, compara e avalia, o que lhe permite descobrir novos parâmetros e criar. Desta forma, cada época gera acontecimentos que se revelam emblemáticos para as transformações do mundo. No dizer de Ianni (2000), são "travessias" porque há sempre algo de coletivo no movimento, nas inquietações, nas descobertas e nas frustrações dos que se encontram, criando elementos de tensão, de conflitos e mesclando ou dissolvendo concepções e valores. Tal mobilização, ligada pela viagem (real ou imaginária), é uma forma de autodescoberta e/ou de conhecimento do outro.

Uma dessas passagens obrigatórias na história da civilização tem lugar nos séculos XV e XVI, vistos como períodos de grandes transformações no mundo. O Renascimento, notadamente o que se desenvolveu na Itália, revitaliza a cultura e o saber da Antiguidade Grega, esta representada como o *topos* ideal onde se desenvolveu uma forma de vida orgânica, regida por valores ético-morais. Os gregos eram contrários à ideia de expansão da sociedade regida por padrões econômicos, pela industrialização e pelo desenvolvimento do

indivíduo que degenerava o Estado. Esse conflito dará origem à tragédia que comportou, na sua essência, a crise do sagrado e a erupção do indivíduo. Surgiu a ideia do homem público voltado para o comércio, para a busca de riquezas advindas, principalmente, das conquistas e fazendo parte de um projeto de ação em que o importante era o grau de possibilidades de construir algo para adquirir *status* e consciência do próprio destino.

No momento de desenvolvimento dessas ideias humanistas e renascentistas, a América é descoberta. O que isso pode significar?

Primeiramente a compreensão do processo de desenvolvimento do pensamento centrado no homem e, *a posteriori*, a relação deste com a natureza. Antes ligado ao sagrado e à tradição da *polis*, o homem passa a conceber sua existência e construir seu próprio destino, o que significa dizer que podia escrever a vida e inventar uma sociedade. Nessa ideia de forma de vida construída pela vontade e pela razão reside a gênese da utopia.

Visto desta forma, o velho mundo como projeção do novo é uma utopia em si, ou seja, uma criação histórica. Como exemplo, na Itália, Alexandre VI rompe a lógica do papado e toma o poder da Igreja no momento do descobrimento da América para construir com o seu filho, Cesare Borgia, um novo reino. Borgia, como grande manipulador político, faz a divisão das terras na América, propõe o Tratado de Tordesilhas, dando



aos espanhóis a maior fatia das terras. Assim, o poder mercantil é transferido para a Península Ibérica, gerando, por séculos, os maiores conflitos pela posse, ocupação e, principalmente, pela regulamentação dos limites no continente americano. A Igreja, no centro do mercantilismo, comanda a ação religiosa de auxiliar o processo de povoamento das terras e a catequização dos habitantes por meio da Companhia de Jesus. A obra missionária cristã transformou-se, assim, num poder paralelo intimidador do poder central português no século XVIII, liderado pelo primeiro ministro de D. José I, Marquês de Pombal, responsável direto pela expulsão dos jesuítas das terras americanas.

Intrinsecamente ligada à viagem como princípio e estratégia ficcional (e não só como movimento) e ao relato, a utopia será analisada, para o propósito deste texto, como decorrente da narrativa do viajante. Especificamente, proponho refletir sobre o papel do viajante como alicerce do relato utópico na obra **Utopia**, de Thomas More.

Estrategicamente, More cria uma personagem (marinheiro português companheiro de Américo Vespúcio) e uma ilha de utopia está nas rotas desses navegadores. Tais elementos estão imbricados de modo a tornar visível a compreensão do conjunto harmônico composto para caracterizar o gênero e o estilo narrativo, fundadores das novas concepções de pensamento.

O viajante humanista

O viajante do século XVI é herdeiro do Humanismo desenvolvido em Florença no século XIV quando, pela necessidade de se ter um discurso unificador, recupera-se o espírito grego. Esse discurso nasce das ideias gestadas pelo Concílio de Trento. Como coloca Agnes Heller (1982, p. 267-292), em Florença é criada uma escola de difusão do saber grego e funda-se a Academia Neoplatônica e a Biblioteca Laurenciana, bases do Humanismo italiano. Surge, assim, o ócio ético-epicurista do trabalho e a política torna-se importante pelos movimentos de conturbação social, solo propício para o desenvolvimento da utopia.

Com tamanha proporção de mudanças socioreligiosas, emerge a noção de indivíduo, isto é, o homem como entidade que necessita criar sua própria história. Os Medici, de origem socialmente baixa, passam a banqueiros e

financiadores da arte e da economia, determinando o destino da cidade a partir da expansão econômica. Financiam a viagem de Colombo que se faz acompanhar de um florentino, Américo Vespúcio, em cujo nome se inspirará a denominação do Novo Mundo descoberto. Esse Novo Mundo foi alcançado por viajantes navegadores, portugueses e espanhóis, em busca de novas terras, cumprindo tarefas oficiais ou buscando riquezas. Lembramos, aqui, que More, pela boca do amigo Pedro Gil, fala em *ilha* de utopia nas rotas dos navegadores, colocando a Taprobana como lugar de desembarque “por milagre”, até chegar à Calicut, “onde encontrou navios portugueses que o reconduziriam ao seu país” (MORE, 1972, p. 166). A ilha como lugar privilegiado será transformada em espécie de mito ou de explicação para muitas situações históricas, implícita na simbologia de *outro mundo* e o *além maravilhoso*, ou até mesmo de uma situação geográfica de *entre rios*, demarcando fronteiras.

Nessa perspectiva, na ideia de insularismo reside a atitude mental que representa o microcosmo fora da história, uma vez que a não-expansão econômica da sociedade utópica isenta a corrupção causada pelo desenvolvimento. Uma espécie de consagração da tranquilidade estática que, uma vez rompida, dá lugar à desagregação social. A ilha é a representação dessa atitude mental: um lugar isolado, longe dos contatos humanos que geram a atividade econômica, portanto, o lugar ideal para o desenvolvimento do espírito de uma sociedade plástica, isto é, inventada.

Na ilha, o viajante, que é o elemento casual no relato utópico, ao firmar o diálogo com alguém da terra, assume o papel de analista das precariedades locais e de guia das ideias de transformação de uma sociedade movida pela ética e não pelos meios de produção: “Rafael notou entre esses novos povos instituições tão ruins quanto as nossas, mas, observou também um grande número de leis capazes de esclarecer, de regenerar as cidades, nações e reinos da velha Europa” (p. 168). Essa possibilidade de ver com outros olhos, de outra maneira, proporciona a viagem e dá ao viajante poder para comparar realidades:

Rafael entremeava sua narrativa com as reflexões mais profundas. Examinando cada forma de governo, analisava com uma sagacidade maravilhosa, o que há de bom e

verdadeiro numa, de mau e de falso noutra. Ao ouvi-lo [...] era de pensar-se que vivera toda a vida nos lugares por onde apenas passara. (p.168).

Contrariamente à ideia da viagem como forma de enriquecimento, o viajante da **Utopia** está acima dos bens materiais para usufruto próprio, como diz a personagem representativa desse universo:

Eu pouco me inquieto com a sorte dos meus, retomou Hitlodeu. Creio ter cumprido sofrivelmente os meus deveres para com eles. Os outros homens só abrem mão de seus bens já velhos e na agonia, e é ainda chorando, que renunciam ao que suas mãos desfalecentes não mais podem reter. Eu, cheio de saúde e juventude, tudo dei aos meus parentes e amigos. Eles não se queixarão espero, do meu egoísmo; não exigirão que, para cumulá-los de ouro, eu me faça escravo de um rei. (p. 169).

Aqui a posição do viajante está acima do bem e do mal. Não aceita se inserir nos negócios públicos, como se nota na forma como é inquirido por More no que diz respeito à ciência e aos talentos: “embora não tivésseis o hábito dos negócios, daríeis mesmo assim, um excelente ministro para o rei mais ignorante” (p.170).

Nesse sentido, Rafael retruca More e diz que prefere o sossego e não tem todas as qualidades que lhe são atribuídas. Além do mais, os príncipes “ocupam-se muito pouco de bem administrar os Estados submetidos à sua dominação”, pois no conselho do rei reina a inveja, a vaidade e o interesse (p.171).

Ligado ao arcebispo da Cantuária, que conheceu na Inglaterra, Rafael tece a ele grandes elogios e o apresenta a Gil, uma vez que More já o conhecia. Vendo por esse lado, como diz Mauro Brandão no prefácio à obra de More, as ideias parecem vinculadas a John Morton, cardeal e arcebispo de Canterbury, de quem herdou a franqueza rude presente na análise implacável da sociedade inglesa de seu tempo, quando era um perigo pessoal fazer tal acusação. Suas disposições naturais eram desenvolvidas pelo exercício e pelo estudo e era “um dos mais firmes esteios do Estado” (p. 172).

Como demonstração de conhecimento das coisas, o humanista vive o que pensa e prega. O diálogo com o cardeal John Morton representa a tolerância e o caráter do indivíduo dotado de

qualidades próprias ao espírito da época. O viajante de More é aquele do humanismo epicurista, do bem estar social sem, entretanto, perder o espírito coletivo: “Os viajantes se reúnem para partir em conjunto; munem-se duma carta do príncipe que é um certificado de licença e que fixa o dia de regresso” (p. 172). A carta é o sinal de contato e de veiculação das ideias a serem seguidas. Representa, portanto, o olhar diferenciado do visitador clássico que, ao chegar, traz a utopia plenamente realizada.

O viajante utópico: quem é?

A **Utopia**, de Thomas More, escrita em 1516, é uma obra seminal que funda o gênero literário e marca um período importante na história.

O autor foi grã-chanceler da Inglaterra no reinado de Henrique VIII, momento de grandes injustiças sociais e misérias da sociedade feudal, com a maior parte das terras nas mãos do clero e da nobreza, agricultura em ruína, falta de trabalho no campo em consequência da industrialização. Como homem ligado às questões do seu tempo, More coloca-se contra essa sociedade desorganizada e corrupta. Cria uma sociedade imaginária, ideal, sem propriedade privada, os bens e o solo distribuídos equitativamente, harmonia entre cidade e campo, sem gastos supérfluos e luxos e o Estado como administrador da produção.

Nesse ideal de sociedade, a obra está composta de duas partes que dialogam entre si: uma discute a Inglaterra da época e faz o seu diagnóstico social. Outra apresenta a utopia, um país repleto de problemas muito parecidos com os vividos pela Inglaterra, só que plenamente resolvíveis. Deixando de lado a ideia de progresso e de mudança social que danifica o homem e as instituições, More cria uma forma de resolver os problemas da sociedade por meio da invenção de uma Inglaterra baseada na ordem do coletivo, e não do pessoal ou privado.

Essa estrutura situa a história de modo a evidenciar uma caracterização das personagens movidas pela narrativa em primeira pessoa, que começa com o prólogo e avança para constituir o espaço em que os interlocutores dialogam sobre suas ideias. More chega em Flandres com a missão de tratar e resolver querelas entre Henrique VIII e Carlos, príncipe de Castela. Constitui-se personagem-narrador do prólogo do Livro I “Eu

fui, então, enviado à Flandres, como parlamentar com a missão de tratar e resolver essa questão” (p. 163). Conhece e se relaciona com Pedro Gil: “Durante a minha estada nesta cidade conheci muita gente; mas nenhuma relação me foi mais agradável que a de Pedro Gil, antuerpiense de uma grande integridade [...] Modesto e sem fingimentos, simples e prudente, sabe falar com espírito, e seu gracejo não é nunca uma injúria” (p. 164). Gil apresenta-o a Rafael Hitlodeu, descrito como homem de boa formação humanística e um jovem português de caráter aventureiro: “conhece bastante bem o latim e domina o grego com perfeição. O estudo da filosofia, ao qual se devotou exclusivamente, fê-lo cultivar a língua de Atenas de preferência à de Roma” (p. 165). Segue Américo Vespúcio em suas últimas viagens, porém, não volta com ele para a América. Atendendo a seu pedido, Vespúcio concede-lhe fazer parte dos vinte e quatro que ficaram nos confins da Nova Castela, pois “o nosso homem não teme a morte em terra estrangeira”. Percorreu muitos países, desembarcou em Taprobana e chegou a Calicut, onde “encontrou navios portugueses que o reconduziram ao seu país, contra todas as expectativas ” (p.165-166). Aqui, há uma semelhança intrínseca com o *epos* camoniano, inserindo o passado e valendo-se de profecias para incorporar um futuro que se liga aos resultados das grandes navegações.

A ligação de Hitlodeu com figuras de grandes navegadores coloca em discussão o pensamento político de More. De certa forma, essa ligação contraria o pensamento humanista estabelecido, conforme se vê na análise de Hankins (s/d, p. 183-187) sobre o contrasenso de More pela sua não aceitação da ideia platônica de que os governantes deveriam obrigatoriamente ser filósofos. Entretanto, para More, a pressão social e cultural conduz o indivíduo para as facilidades do dinheiro e do orgulho pessoal. Hitlodeu representaria, nesse aspecto, o ideal filosófico prático embasado na abolição da hierarquia social e da propriedade privada.

Assim, no viajante estaria resumida a vida ativa e a contemplativa, necessárias ao êxito da formação de uma filosofia superior e a necessidade de sonhar com grandes realizações. Nesse aspecto, More dialoga com Atenas no que tem de necessário para a sua concepção de sociedade para além da concepção platônica e sua inovação

fará da utopia o gênero por excelência.

Presentifica-se, no primeiro livro, uma sucessão de narrativas: More narra sobre a sua missão, a terra em que chegou e as pessoas que conheceu. John Morton, com sutileza, impede o legista de opor-se a Rafael sobre a tolerância ao roubo. Gil narra sobre o estrangeiro e suas qualidades. Finalmente, este narra a utopia, que constitui a segunda parte da obra, a sua essência que, segundo alguns estudiosos da obra moreana, foi escrita primeiro. Essas narrativas são construídas pelo diálogo, forma ideal da época para o debate cívico acerca de temas de filosofia e de política. Os interlocutores, homens virtuosos, encontram-se gozando do ócio (*otium*), livres das ocupações políticas, num ambiente bucólico onde tem início a conversa com o estrangeiro numa ambientação que lembra a tradição pastoril. Portanto, More se mantém ligado ao ideal do homem livre dos contatos que danificam o seu caráter e as suas aptidões.

O encontro com um navegante é o elemento que completa a utopia. Com o olhar diferenciado, Hitlodeu, “nombre compuesto de dos raíces griegas y que significa ‘profesor de boberías’” (SERVIER, 1995, p. 41), constitui-se o narrador da **Utopia** após fazer parte dos “vinte e quatro que ficaram nos confins da ‘Nova Castela’” (MORE, 1972, p. 165).

Por que More escolhe o viajante para ser o narrador da utopia?

Se More, Gil e John Morton constituem personagens da história, Hitlodeu é o *estrangeiro* (marinheiro), o elemento ficcional, situação que lhe garante o status de *passageiro*, viajante que executa a “travessia” (IANNI, 2000) de um estado de espírito para a novidade da transformação. Sob esse aspecto, o Livro I inscreve-se nos valores sociais de virtudes importantes para os humanistas que somavam ao saber a experiência e o estudo como valores intransferíveis e necessários ao conhecimento. Hitlodeu é o viajante sedento de novidades, que incorpora o espírito novo a ser difundido. Pela viagem adquire-se o poder de contar, lembrando-se que ao colocá-lo ao lado de Vespúcio, More configura o narrador da tradição. Ou seja, aquele que deixa o seu espaço em busca do Outro e, ao retornar, traz em si a história vivida e contada. O viajante é, ainda, aquele que está credenciado para, com o olhar de fora, julgar os problemas e propor soluções. Desta forma, releva-se a importância dos relatos

de viagem sobre terras recém-descobertas no Novo Mundo por portugueses e espanhóis, o que denota o grau de circulação desses textos entre o público leitor da época, ávido das conquistas e das aventuras entre povos exóticos.

Hitlodeu é, portanto, o viajante que encarna o ideal humanista e, ao dialogar com More-personagem, estabelece o grau de complementaridade propícia à expansão do caráter da **Utopia** e do seu autor. Ao encarnar esse ideal, coloca-se no lugar de More, reforçando a sua posição antimidieval: “Nós nada lhe perguntamos sobre esses monstros famosos que já perderam o mérito da novidade: Cila, Selenos, Lestrigões, comedores de gente, e outras harpias da mesma espécie que existem em quase toda parte. O que é raro é uma sociedade sã e sabiamente organizada” (MORE, p. 168) e a aspiração do ideal de sociedade, pois

se de um lado não posso concordar com tudo o que disse este homem, aliás incontestavelmente muito sábio e muito hábil nos negócios humanos, de outro lado confesso sem dificuldade que há entre os utopianos uma quantidade de coisas que eu aspiro ver estabelecidas em nossas cidades. (p. 165).

Ao viajante cabe conhecer e informar. Rafael diz a More:

Se tivésseis estado na Utopia, se tivésseis assistido ao espetáculo de suas instituições e de seus costumes, como eu, que lá passei cinco anos de minha vida, e que não me decidi a sair senão para revelar esse novo mundo ao antigo, confessaríeis que em nenhuma outra parte existe sociedade perfeitamente organizada. (p. 205).

Rafael tem a certeza do que fala e dos conhecimentos que conseguiu acumular durante suas “travessias” por lugares desconhecidos, uma vez que os indivíduos da utopia aprendem com os viajantes

[...] na escola dos naufragos aprenderam tudo que estes conheciam das ciências e artes espalhadas no império romano. Mais tarde, esses primeiros germens se desenvolveram, e o pouco que os utopianos tinham aprendido, levou-os a descobrir o resto. Assim, um único ponto de contato com o mundo antigo bastou para transmitir-lhes a indústria e o gênio. (p.206).

O contato que se tem com a viagem também é enaltecido por Rafael: Talvez a posteridade também esqueça a minha estada nessa ilha afortunada, estada esta que foi infinitamente preciosa para os seus habitantes, pois, por este meio, puderam apropriar-se das mais belas invenções da Europa” (p.207). Aqueles que têm oportunidade de ouvir o viajante nutrem-se do conhecimento. Então, o ato de contar é disseminador de culturas:

Pois então, disse eu a Rafael, fazei-nos a descrição dessa ilha maravilhosa. Não suprimais nenhum detalhe, suplico-vos. Descrevei-nos os campos, os rios, as cidades, os homens, os costumes, as instituições, as leis, tudo o que pensais que desejamos saber, e, acreditai-me, esse desejo abarcar tudo que ignoramos. (p.207).

Entre os diálogos do primeiro livro e toda a descrição da cidade ideal, na segunda parte, há uma coerência interna semelhante a que pautou a vida de More. Nesse aspecto, as personagens parecem fundir o mérito da questão básica humanista. Hitlodeu representa uma filosofia superior e um grande interesse pela geografia e pela história e More, como personagem do diálogo, “apela ao homem de boa vontade para que cumpra com o dever de conselheiro aplicando uma forma de filosofia mais civil, isto é, mais prática” (HANKIS, s.d., p. 185).

Algumas finalizações

Numa conjunção de valores sem os quais seria impossível compreender o texto utópico, o homem da **Utopia**, de More, é aquele que está inserido nas concepções ético-estóico-epicuristas. Ou seja, esse homem teria uma vida ativa de virtude em harmonia com a natureza, *locus* do ócio e da prática virtuosa, serenidade, atitude sábia, condução consciente da vida. A ideia básica desses valores é que os deuses são indiferentes aos homens, então, cada qual deve escrever sua própria história. O seu lugar é a natureza e nela a existência deve ser organizada prazerosamente na busca equilibrada entre o corpo e a mente.

Encarnando o ideal de More, Hitlodeu é o humanista que comunga com essa tradição e sustenta, como virtudes centrais, a justiça e a educação que devem guiar a comunidade acima de tudo. Sua visão, embora pareça a de um



conservador, tem compromissos com certos princípios políticos pelos quais sacrificou a própria vida, protestando contra as manobras de Henrique VIII, que queria estender o poder real à política eclesiástica.

No segundo livro, More pergunta o que deveria mudar na sociedade para que ela possa assumir os valores humanistas e cristãos e o que aconteceria se uma sociedade premiasse as pessoas pelo mérito, e não pela riqueza ou linhagem. More sugere, pela boca de Hitlodeu, que só a educação dos príncipes e oligarcas nas letras clássicas não resolve o problema, pois os defeitos da sociedade humana se ligam ao dinheiro e ao orgulho. A única saída para a liberdade dos vícios é a abolição da hierarquia social e da propriedade privada, elementos que serão demonstrados por Hitlodeu no esboço do retrato dessa sociedade.

Ao viajante cabe, então, a possibilidade de olhar (ex)ótico, externo à realidade visível. Ou seja, a ele é possível não só observar, mas julgar e criticar, propondo alternativas de mudanças para além do aparentemente válido. Assim, só o indivíduo que se distancia do real existente consegue dar novas configurações a ela.

Desta forma, o tema da viagem é central na narrativa utópica, pois impulsiona o relato e a *contação*. Na ligação entre ambos encontram-se paradigmas comuns, pois, pela viagem, ascende-se a um novo mundo. A **Utopia**, conforme Minerva (s/d, p.45-46), nutre-se dela [viagem], pois a presença do viajante realiza três condições essenciais: 1) é possível a descoberta do outro através do diálogo com o mundo posto pelo outro; 2) a utopia está submersa sob o ponto de vista externo e 3) o valor do nosso mundo encarnado no viajante pode ser posto em discussão.

Assim, a viagem, unida ao relato do viajante, constitui importante ingrediente no interior do texto utópico, significando princípio e estratégia ficcional, e não só movimento. O viajante, que fará história no percurso e na construção do pensamento e das sociedades, exerce papel essencial na sedimentação do gênero. É o pensador que idealiza uma sociedade centrada nos valores coletivos, voltada para a *res*, sem ser homem público, e a história é construção humana livre do sagrado e da natureza, ou uma concepção do real não percebida pelos sentidos, mas pela memória.

Na necessidade da época de o homem poder organizar a vida como melhor lhe aprouver, a

Utopia sintetiza a realização dos ideais humanistas com base nos anseios de melhoria social. More, ao fundar o gênero, transforma-se num marco importante na literatura e na história ocidental. A caracterização do viajante personificado em Rafael Hitlodeu é emblemática, numa época em que pensar o mundo significava, também, conhecer e ampliar a geografia. O viajante forja o espaço e sintetiza o seu momento histórico. Nele reside a síntese do mundo. O universo está nele. A prova disso é a forma como os relatos de viagem moldaram a mentalidade da época e fizeram escola.

Nos parâmetros dos séculos XV e XVI, como vimos, a riqueza de ideias foram seminais para a evolução do pensamento humano e *locus* revitalizador da cultura antiga, gestora do pensamento moderno. Portanto, pensar a **Utopia** a partir da contribuição de Thomas More significa refletir sobre o complexo do pensamento ocidental e a ideia do mundo racional como importantes fatores de (re)constituição do universo histórico e literário.

1 - Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP e professora de Literatura da UNEMAT, campus universitário de Cáceres. E-mail: olgmar007@hotmail.com

Aceito para publicação em 01.06.2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNIERI, Maria Luisa. **Viaje através de Utopia**. Tradução de Elbia Leite. Buenos Aires: Ed. Proyección, 1962. (Colección Signo Libertario).

HANKINS, James. **Introducción al Humanismo renacentista**. Tradução de Lluís Cabré. Cambridge: Cambridge University Press, [s.d].

HELLER, Agnes. **O homem do Renascimento**. Lisboa: Presença, 1982.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MINERVA, Nadia. **Utopia e... Amici e nemici del genere utópico nella letteratura francese**. Ravenna: Longo, [s.d].



MORE, Thomas. **A utopia**. Tradução de Luís de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p.163-314.

ARAGÃO, Maria L. P. et al. **América**: ficção e utopia. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1994.

SERVIER, Jean. **La utopia**. Tradução de Ernestina Carlota Censes. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.



